

# O Povo de Guimarães

Semanario Republicano

IMPRESSO NA TIPOGRAFIA «MINERVA»  
DE VILA NOVA DE FAMALICÃO

DIRECTORES

DAVID D'OLIVEIRA  
DUARTE FRAGA  
EDUARDO D'ALMEIDA

— REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: —  
PROVISORIAMENTE, NA R. 5 DE OUTUBRO, 33

## GIL VICENTE

«E hum Gil... hum Gil... hum Gil...  
(Que ma retentiva heil!)  
Hum Gil... já não direi!  
Hum que não tem nem ceitel  
Que faz os aitos a el-rei.  
Elle me fez,  
E tirou de minha aquella,  
Muito inda emque me pez,  
Que entrasse ca na capella  
Previcar hum untremez.»

Assim se apresentava como autor, o nosso Gil Vicente, pelo nome de Vasco Afonso, no *Auto Pastoril Português*, representado em Évora, pelo Natal de 1523, diante de D. João III, em cujo nascimento, estando ainda de cama sua mãe, a rainha D. Maria, uma quarta-feira, 8 de Junho de 1502, recitara o monólogo do *Vaqueiro*, do *Auto da Visitação*: «que se pode considerar, no dizer do illustre Conde de Sabugosa, a primeira peça dramática com forma literaria, representada entre nós», ou que, então, «o poeta quincentista lançou a base, como nota o erudito Fidelino de Figueiredo, de uma insituição nova: o teatro português». Naquelle enfeitador *Auto Pastoril*, lamentoso e desenganado, o grande Gil acrescenta:

«Aito cuido que dezla,  
E assi cuido que he:  
Mas ja não aito, bofé,  
Como os aitos que fazia,  
Quando elle tinha com que.  
Mas o mundo he ja desgorgomelado;  
Todo bem se vai o fundo;  
O dinheiro anda acossado,  
E o prazer vagabundo.»

Não obstante, e até mesmo como esquecido do proprio nome (o poeta detestava as referencias pessoais, donde a crua escassez dos informes autobiograficos), Gil, o imortal, atinge, nesse verdadeiro poema, as mais excelsas sublimações do lirismo popular. Oçam, de alma, esta maravilha:

«Tirae os olhos de mim,  
Minha vida e meu descanso,  
Que me estaes namorando.  
«Os vossos olhos, senhora,  
Senhora da formosura,  
Por cada momento de hora  
Dão mil annos de tristura:  
Temo de não ter ventura.  
Vida, não m'esteis olhando,  
Que me estaes namorando.»

Andam os pastores desavindos com seus amores trocados: e o poeta retrata com fidelidade graciosa suas arrenegações e queixumes numa toada quebrantosa, por onde as lagrimas são o brilho do sorrir. A Virgem aparece a uma pastoriinha humilde — que as almas cristãs releiam e confrontem essa passagem, de inspiração superior, com as torpissimas e nojosas explorações de ainda hoje em dia em mãos de autenticas sociedades comerciais!

«O cedro nos campos, estrela no mar,  
Na serra ave phenix, húa so amada,  
Húa so sem mácula e so preservada,  
Húa so nascida, sem conto e sem pari.»

Os dois lirismos — o religioso e o amoroso — entrelaçam-se admiravel e enternecidamente na obra de Gil; ambos estremados — sendo, na teologia, como acentua o dr. Mendes dos Remedios, tam abalizado co-

nhecedor (como o era do direito e da filosofia, «que tanto se reflectem nas suas comédias»); sendo n) amor sentidamente português, como o revelam seus versos e a piedosa devoção de seus filhos á sua memoria — ambos estremados e puros. Agora, que é tão da moda falar-se, entre duas piruetas jazzicas e dois abalos scismicos de finanças, em S. Francisco de Assis e Santo Antonio, não será ao menos descaído relevar as viçosas e profundas satiras vicentinas contra a corrupção alastrante, e para nós ao cabo funestissima, da nobreza e do clero, como em geral dos costumes, satiras bem postas em foco nas esmiuçadoras investigações do sabio Teofilo Braga.

«A' feira, á feira, igrejas, mosteiros,  
Pastores das almas, Papas adormidos;  
Compre aqui pannos, mudas os vestidos,  
Busca e as camarras dos outros primeiros  
Os antecessores.  
...O' Principes altos, imperio facundo,  
Guardae-vos da ira do Senhor dos céos;  
Compreae grande somma do temor de  
Deos  
Na feira da Virgem, Senhora do mundo,  
Exemplo de paz,  
Pastora dos anjos, luz das estrellas.»

Mas ao Serafim, logo o Diabo retruca:

«Eu bem me posso gabar,  
E cada vez que quizer,  
Que na feira onde eu entrar  
Sempre tenho que vender,  
E acho quem me comprar.»

Este Senhor Diabo, dos Quinhentos, parece tal qual de nossos dias:

«Toda a gloria de viver  
Das gentes he ter dinheiro,  
E quem muito quizer ter  
Cumpre-lhe de ser primeiro  
O mais ruim que puder.»

Este *Auto da Feira*, com os celebres, e sempre vivos, *Auto da Barca do Inferno* e *Auto da Barca do Purgatorio*, além do valor farsistico em corrigenda de más inclinações e ruins costumes, magnificamente reproduzem quadros pitorescos, e ao mesmo tempo filosoficos, do movimento natural e social em homens e ideias daqueles tempos, ainda gloriosos, mas nos quais, sobre o nosso Portugal, avançava já a onda avassaladora da «apagada e vil tristeza». Para a Barca do Inferno, o Diabo arrasta, em sentença inapelavel, o Fidalgo apaixonado, que julga a mulher arreplada de paixão, e a quem feroz desengana:

«Quanto ella hoje resou  
Antre seus gritos e gritas,  
Foi dar glorias infinitas,  
A quem na desabafou.»

— o onzeneiro, «que quere tornar ao mundo, e trazer o seu dinheiro»; o sapateiro ladravaz, julgando que as missas ouvidas o salvam:

Sap.—Quantas missas eu ouvi  
Não m'hão ellas de prestar?  
Dia.—Ouvir missa, então roubar,  
He caminho pera aqui.»

— o frade amancebado e espadachim; Brizida Vaz, a alcoviteira

«Meu amor, minhas boninas,  
Olhos de perlinhas finas.»

que salvou tantas cachopas, pois todas encontraram dono; o Judeu, com o seu bode e o seu dinheiro; o Corregedor e o Procurador (adiante!), e o Enforcado. Só o Parvo, chegando á Barca da Gloria

«Hou da barca!  
Anj.—Tu que queres?  
Par.—Quereis-me passar além?  
Anj.—Quem és tu?  
Par.—Não sou ninguém.»

pode passar, porque não errou por malicia, e a simpleza de seu espirito lhe garante a paz além da morte, No *Auto da Barca do Purgatorio* como nos prende a fala do Lavra. dor!

«Bobá, Senhor mal pecado,  
Sempre ho morto quem do arado  
Ha de viver.  
Nós somos vida das gentes  
E morte de nossas vidas,  
A tyrannos — pacien-es  
Que a unhas e a dentes  
Nos tem as almas roidas.  
Pera que he parourelar?  
Que queira ser peccador  
O lavrador,  
Não tem tempo nem logar  
Nem somente d'alimpar  
As gotas do seu suor.  
Na igreja bradão com elle  
Porque assoviou a hum cão;  
E logo excommunhão na pelle.  
O fidalgo maçar nele,  
Até o mais triste rascão.  
Se não levão torta a mão,  
Não lhe achão nenhum direito.  
Muito atribulados são!  
Cada hum pella o villão  
Por seu geito.»

E como o Anjo lhe responde que tem de purgar na ribeira, ele volve:

«O' mundo, mundo enganado,  
Vida de tão poucos dias,  
Tão breve tempo passado,  
Tu me trouveste enganado,  
E me mentias.»

Mentia o amor, tambem, ao *Velho da Horta*, enfeitado da moça, que buscava o hortelão «por cheiros pera a panela», e se deixa empobrecer nas artes da Branca Gil:

«Quanto mais for avisado  
Quem d'amor vive, penando,  
Tera menos siso amando,  
Porque he mais namorado.»

— desenganoso amor, que não atende a razão, nem aceita condições, nem cautelas, e que é um «penar do coração, sem querela».

A fala da alcoviteira, nesta comédia, é muito curiosa, e talvez reveladora de alguns segredos de corações femininos da alta roda.

Mas não falta a Gil, além deste patriotismo dos temas e da inspiração nacional, o influxo alto, que immortalizaria Camões:

«Ou digão se vio alguém  
Reino em fama tão luzido;  
Pequeno e miú grandioso,  
Pouca gente e muito feito,  
Forte e miú victorioso,  
Miú ousado e furioso,  
Em tudo o que toma a peito.  
Cavalleiros de vontade,  
Gente sem rebolaria...»

EDUARDO DE ALMEIDA.

### «Liberdade»

Este nosso brilhante colega, de Lisboa, iniciou, ha dias, o quarto ano da sua publicação. Jornal excellentemente orientado no sentido da defeza extrema dos principios democraticos, a ele deve já o regime relevantes serviços. Fundado e dirigido por estudantes, por espiritos moços, desempoeirados e cultos, nele têm colaborado tambem alguns dos mais illustres pensadores republicanos das anteriores gerações.

Saudamos affectuosa e calorosamente todos quantos nele trabalham, enviando-lhes os protestos da nossa solidariedade republicana e da nossa muita admiração pela obra que vêm realizando.

.....  
*Oo flor da moor ferosura  
quem vos trouxe a este meu orto?  
Ay de mi!  
Por que assi como vos vi,  
cegou minha alma e a vida;  
e estaa tam fora de si,  
que em partindovos daqui,  
he partida!*

GIL VICENTE.  
(Falsa do Velho da Horta.)

### Frente unica dos Partidos da Republica

Os Partidos Políticos Republicanos e o Partido Socialista acordaram numa frente unica, afirmando aceitar o principio da revisão da Constituição de 1911, para a boa organização da Democracia, atendidas as modernas correntes doutrina-rias e satisfeitas as aspirações do Povo.

Como republicanos, saudamos todos aqueles que tão bem souberam interpretar o sentimento da grande maioria, desde já prometendo o nosso concurso e apoio incondicionais.

.....  
*Se filhos aver não podes,  
nem filhas, por teus peccados,  
cria desses engeytados,  
filhos de clérigos pobres.*

GIL VICENTE.  
(Auto de Mofina Mendes.)

### Ludovina Frias de Matos

Desta distinta poetisa, autora do «Para Além da Morte...», e interessante escritora, recebemos um volume «Arte de dizer mal» que agradecemos deveras sensibilizados.

Dada a falta de espaço, ainda não nos foi possível fazer a apreciação deste seu novo livro, prometendo fazê-lo no proximo numero do nosso jornal.

.....  
*Põe a hi muy declarado,  
Não te fique no tinteyro,  
Todo o mundo he lisongeiro  
e ninguem desenganado.*

GIL VICENTE.  
(Auto da Lusitania)

### ELEIÇÕES

Expressaremos claramente nosso modo de pensar. As eleições não são um direito outorgado, um direito concedido — são o reconhecimento de um direito. Sob qualquer forma, pois, de governo, podem e devem os republicanos usá-lo. Podem e devem usá-lo porque a base da democracia é a eleição popular. E a explicação é categorica, desde que se relembre que a democracia supõe a educação e a vontade do povo. Aos republicanos portugueses mais imperioso se torna esse direito porque foram, sem duvida, as eleições, resultado da propaganda, que mais solidamente favoreceram e prepararam a proclamação da Republica em Portugal. Em melhores termos, porque nós vivemos, e somos victimas ainda, de uma falsa terminologia em direito politico — as eleições são um dever para os eleitores, e um dever dos governos e autoridades. Para aqueles — em exerce-lo; para estes — em consenti-lo, livre e honesto. Não queremos enredar-nos agora na debatida questão do sufragio eleitoral, mas diremos, sustentando um velho modo de ver, que, para nós, a unica condição para ser eleito seria a do eleitor saber ler e escrever. Admitiriamos, em Portugal, dada a mancha vergonhosa do analfabetismo, um unico aditamento transitorio — o de ser trabalhador, vivendo do seu trabalho. Mais nada — e estava tudo dito. O primeiro desvirtuamento de umas eleições livres e honradas está logo no modo de organizar a lei eleitoral. E' o primeiro sofisma, a primeira chapelada. O caciquismo começa assim, e quasi sempre, no *Diario do Governo*. Mas nós temos de aceitar as cousas como elas nos são postas. A cada momento, para não nos deixarmos abater pelo desanimo, recordaremos que, nestas passageiras organizações dos estados, actualmte, muita vez um país vive e se rege — como antigamente os estudantes de Coimbra — por *sebentas*, as lições do mestre, as sebentas de direito politico ou de finanças, como as sebentas de processo civil, comercial e penal.

Outro dever se impõe tambem imediatamente aos republicanos. Uma vez assente o seu dever de concorrer ás eleições, urge praticarem e fiscalizem todos os actos preparatorios, entre os quais o primeiro é a organização dos recenseamentos. E para isso nunca ha um minuto a perder. Que os inspire o nobre exemplo das verdadeiras e sãs democracias.

Entretanto á imprensa honesta, e a todos os cidadãos honestos e conscientes, outro grande e indeclinavel dever lhes impende — o de propugnarem porque as eleições sejam honestas e livres. Porque, afinal, se o não forem é que tambem não foram eleições, mas, á face de todo o mundo culto, uma burla, vil mistificação, não só politica como social. A nota dos partidos, há dias reproduzida nos diarios, merece, por isso, o nosso completo assentimento e aplauso.

Visado pela Comissão de Censura



## TRIBUNA LIVRE

## PADRES

Muita gente imagina que nós outros, republicanos, somos inimigos irreconciliáveis dos padres e que os ataques dirigidos ao clericalismo politico-monarquico é um proposito e obra de ateus professos.

Espevitando todos os seus sentimentos de religiosidade, força todas as suas ideias e aguçando todos os pruridos dogmáticos para firmemente mostrar o erro em que laboramos e para manter o seu desprezo pela maneira insólita — pobres dos pobres de espirito! — com que nos apresentamos a fazer distinções entre padres.

Considera-nos propagandistas do paganismo, umas vezes, e alcapremanos a autenticos «judeus» de capote e lança, outras, escandalizando-se e ofendendo-se, tudo confundindo e baralhando, como se não compreendêssemos «a pura poesia» da doutrina cristã ou repudiássemos do coração a moral pregada pelo sonhador da Galileia, esse bom rabi que considerou o ódio um amor imperfeito, inconsciente de per si.

Fala que fala, e nunca pensou que em todas as classes ha necessidade de separar o trigo do joio, chamar a bom caminho os transviados e procurar, mesmo dentro do regime republicano, orientadores que pelas suas palavras e actos sejam os defensores da ordem, os propugnadores da bondade e do amor, e não os bulhentos obstinados que se encolerizam perante o progresso e a liberdade, ou os ultramontanos sectarios duma tradição mesenta e perdida, ilícita e desossada.

Não, senhores: os republicanos não odeiam os padres que são ministros da religião «da Verdade, do Espirito, do Proletariado, dos Heróis, da Humanidade, da Patria, do Império, da Razão, da Beleza, da Natureza, da Solidariedade, da Antiguidade, da Energia, da Paz, da Dôr, da Piedade, do Eu e do Futuro», como a classifica Papini.

Os republicanos sentem-se bem a seu lado quando eles não usam e abusam das falsificações doutrina-rias, e estimam-nos quando têm a aplaudi-los nos seus actos de caridade e de abnegação uma freguesia inteira ou mesmo uma população cidadina.

Os principios democráticos não colidem com as crenças religiosas de quem quer que seja. Antes, dão-lhe as maiores regalias e dão-lhe a mais ampla liberdade.

E tanto assim é, que ha padres, como o rev. José Leite, ex-pároco de S. Miguel de Creixomil, que não afrontou ninguém pela sua extrema bondade ou pela sua desmedida caridade, ou sentiu abalar as naves do templo quando, na hora do sacrificio da missa, rezou pelo saudoso republicano José Relvas, que não teve assistencia religiosa, mas que legára a sua fortuna aos pobres e ás casas de caridade e instrução.

Não, senhores: os ataques ao clericalismo politico-monarquico nada têm com os padres bons e profundamente cristãos.

L. CORLHO.

N. A. — Na ultima tribuna — Direitos femininos — onde se lê a linha 14: «As incertezas que então sofrem» deve ler-se: As incertezas que então sofrea...

## «Jornal de Cascais»

Acabamos de receber este jornal trimensal, independente e defensor dos interesses do Concelho de Cascais, que ali se publica sob a habil direcção de Eduardo Pires. Belamente impresso e muito bem redigido, agrada plenamente e satisfaz os amadores do jornalismo cá do Norte.

Cascais, a linda vila da Costa do Sol, está ligada a Guimarães por laços de amizade indestruíveis e é sempre com alvoroçada alegria que recebemos noticias suas e que ouvimos falar no seu nome.

Agradecemos a visita e vamos permutar.

## Coisas e Loisas

## HONRA SEM PROVEITO...

CONSIDERANDO que o ex-rei (Afonso XIII, de Espanha), enquanto exerceu poderes tiranicos que se arrogou em 1923, e que, antes dessa data, exorbitou das suas funções, para aumentar ilegítimamente o seu capital particular, conforme se demonstra na documentação apreendida no antigo palacio real...

E' este o exórdio do decreto que justifica a querrela contra o ex-rei de Espanha, forçado a abandonar o seu trono e o seu povo pela revolução vitoriosa dos republicanos.

Afinal, o rei inteligente até ao talento, com um tino politico para dar e vender, vai ser processado por um delicto que nem todos os simples mortais seriam capazes de cometer.

Deu nisto o lendario cavalheirismo daquele Bourbon, que tantos apresentavam como modelo na arte de reinar, no difficil mister de conduzir os povos.

Nem admira. Se é certo o que referem as gazetas, o ex-rei Afonso, decerto para prover á alimentação do seu povo, até se fez socio de empresas bacalhadeiras.

Para um estadista de tão alto coturno já é previdencia e amor á arte.

## O RATO

OS tansos integralistas, esses que amarram suas ancestrais raízes no cordão umbilical dos famosos Pais afonsinos, têm-se mostrado muito atentos ao que se vai passando por terras de Espanha.

Tão atentos e tão interessados, que ha tempos, antes de Afonso XIII abandonar o trono, resolveram dirigir uma pastoral, digo, uma mensagem, ilucidatoria e conselheiral, á academia espanhola, em que, entre muitas outras baboseiras, se hablo — caramba! — dos dois impérios barbaros que tendem ao dominio planetario: «o imperio bolchevista-escravizador-ateu e o imperio capitalista-liberal-maçónico».

No hay trampa na transcrição. E' isto, sem tirar nem pôr.

Em face desta coisa, deste ciclópico monumento politico-social-casapico, esperavam eles, os do pelicano, várias e profundas mutações no scenario politico-social do sistema solar, com graves reflexos na orgânica das constelações mais distantes do paraiso terreal e mais chegadinhas ao sétimo ceu, que de si dariam medonhos reverberos e estes, incidindo céleres sobre o mesquinho orbe terraqueo, tais perturbações produziram, que deixariam sem pinta de sangue os ateus e os maçónicos, os liberais e os demagogos.

Não era para brincadeiras, o caso. Mas, o cassapo pôe e Deus dispõe.

Do ciclópico monumento não saiu nada que se visse, a não ser a homérica gargalhada que escancarou a boca da Historia ante tão rela prova da desmedida e óca petulancia da desbarbada grei.

Que desgosto, santo Deus de Israel... Criar assim, ao biberão da fantasia fossil do pelicano real, dois imperios, que metiam num chinelo o de Alexandre e o de Roma; pô-los, com carinho de maternal galinha, em condições de lutar, canibalescamente, antropofagicamente, pelo dominio planetario, e vê-los cair ingloriamente perante a indiferença de todo o mundo, é forte!

Mais uma vez, a montanha pariu um rato, E' sina.

D.

## Transcrição

A *Vibração*, esplendido semanario republicano que se publica em Silves sob a inteligente direcção do nosso presado correligionario, sr. João José Duarte, do nosso penultimo numero transcreveu a nossa local «E' pró Abade», subordinando-a á epigrafe de «Ha mais quem vibre».

Agradecemos reconhecidissimos.

## Viva a Republica!

O que aí vai, senhores, de temores e calafrios por causa do que se passa em Espanha!

Ao ler a nossa imprensa conservadora, quando esta se refere ao assunto, tem-se a impressão de que todas as bestas do apocalipse caíram sobre o país vizinho, e em desvaivada fúria, ameaçam tirar-lhe vida e alma, tripas e tudo.

Invectivas formidáveis, indignações ridiculas, estralejam e fremem, como se o anticristo profetizado rompesse agora as entranhas da mãe, para despejar sobre a misera humanidade uma nova edição, revista e aumentada, das pragas do Egipto, tanto mais para temer por serem de invenção divina, daquele Jehovah terrível, que não deixou pedra sobre pedra em Jericó, e curou das maleitas do vicio os de Gomorra, vasando-lhes pela cabeça abaixo os celestes açudes.

Ha punhos no ar e ranger de dentes, ha raiva e ha desespero, na grei do pelicano e nos coios reaccionarios, como se de novo a moirama invadisse terra de cristãos ou os Lugares Santos caíssem mais uma vez nas unhas irreverentes dos infieis.

Vai o diabo na Cassapolandia por causa do que se passa... na casa alheia.

.....  
Simplesmente admiravel o entusiasmo com que os nossos vizinhos espanhóis se votaram á luta pelas ideias liberais.

Desde o professor universitario até ao operario, todos combateram, todos se sacrificaram, para dar á Espanha uma nova organização politica que, libertando o Poder das oligarquias despóticas e, como tais, arbitrarias, e acabando com o divorcio existente entre o Estado e a Nação, trouxesse, como consequencia maior e inevitavel, a reorganização social em moldes mais humanos, isto é, mais justos.

Rapidamente, a Republica ga-

nhou terreno, dos grandes centros alastrando, formidavel, avassaladora, por todo o país, a toda a parte levando o seu protesto contra a monarquia secular, parasitaria e fradesca, a todos os recantos de Espanha levando o germen vivificador dos principios da Liberdade e da Justiça, os imortais principios que tornam o trabalho fecundo e nobilitante e conduzem á paz entre os homens, porque se firmam nas luminosas ideias da Igualdade e da Solidariedade humanas.

E uma nova Espanha surgiu, enfim, conscia do seu valor e dos seus destinos, a talhar ao sol da Justiça o lugar que lhe pertence no mapa dos povos civilizados, aquele lugar a que tem jus pelo muito que a civilização lhe deve.

Dos Pirineus á Serra Nevada, um só clamor se ouve — o clamor apoteótico com que o povo saudava a Republica, nela pondo toda a sua fé nos destinos da Patria, a ela confiando toda a sua esperanza num futuro melhor.

Viva a Republica! grita-se em Espanha.

E é isto, este grito sublime, redentor, este clamor apoteótico á Republica libertadora e justiceira, que desorienta e arrepela certas alfurjas e sacristias, onde retoçam os ridiculos abencerragens dos arcaísmos politicos e clericais.

E' isto, este Sol quente, fulgurante, da Liberdade que os estonteia e estomaga.

E, contudo, eles — os que clamam que a desigualdade e o privilegio são as leis do mundo, leis fatais — bem sabem que o Sol bendito da Liberdade não ha Josué que o detenha na sua marcha gloriosa.

Fulgiu entre nós com a Republica e com a Republica fulgirá entre todos os povos. E' invencível.

Estonteia as toupeiras? Mas salva a messe.

DÓRIO.

## A antiga imprensa republicana em Portugal

Em 1873, ha 58 anos, ao tempo da implantação da primeira Republica espanhola, existia em Lisboa, o jornal republicano *O Debate*, que tinha por seu redactor principal o cidadão e grande democrata Carrilho Videira.

Como sempre usou a monarquia, e para que se lhe abafasse a voz, foram-lhe instauradas seis querelas, promovidas pelos dirigentes da politica regeneradora, já então, como sempre, inimigos acerrimos da Liberdade, intolerantes, só querendo a politica do engrandecimento do poder real.

Para fazer face ás despesas ocasionadas com essa perseguição, realizou-se, em 17 de Dezembro, desse ano, no teatro Principe Real, em beneficio do aludido jornal republicano, uma recita, que, sendo concorridissima, foi mais uma apoteose á Republica, e, consequentemente, uma machadada na monarquia.

Constando o espectáculo de duas comedias, recitaram-se, nos intervalos, as poesias — «Ao Combate», de Betencourt Rodrigues e «O Mundo Velho», de Gomes Leal. Ambas elas obtiveram uma ovação deveras emocionante! Algumas das suas estrofes foram bisadas, tal o entusiasmo que produziram.

Por quatro vezes se tocou a «Marselhesa», que os espectadores ouviram de pé e, com todo o respeito, descobertos.

Quando, pela segunda vez, se executou o arrebataador hino nacional da França, appareceu em scena uma linda criança, de barrete frigio na cabeça, com uma bandeira vermelha na mão direita e um numero de *O Debate* na esquerda.

Foi um delirio estonteante! Avulso, distribuiram-se duas poesias: «Verdades», soneto, de Betencourt Rodrigues, e «A Liberdade», versos, do dr. Manuel de Arriaga.

## Tribuna do professorado

Gil Vicente, psicologo, moralista e pai

A sanha detractiva estimulava-o. E foi isto ha cinco seculos! E ainda os homens não se corrigiram em tão aturrido espaço de tempo! Dizer mal do semelhante, julgá-lo ao talante da sua conveniencia e quiçá de alguma vaidadezinha beliscada é a seta com que flecham os que nem fazem e se amofinam por outrem agir; é o virotão dos enfiatados intangíveis.

Mas ainda é certo tambem que ha males que vêm por bem. Não fóra a detracção e Gil Vicente adormeceria um pouco, embalado pelos ecos das primeiras apoteoses.

Impondo-lhe reacção o juizo formulado pelos homens de «bom saber» toma o mote que lhe oferecem. — Mais quero amo que me leve que cavallo que me derrube — e atinge uma admiravel perfeição tecnica na farça — Inês Pereira, — convencendo-se e convencendo da sua inata generalidade.

Assim esteiado ampliou os vãos do seu esto, consolidado e verificando um espirito construtivo.

A sua obra dramatica, apercebendo-se do seu caracter da raça, nos informes da epoca e na influencia da sociedade daquele tempo, encerra superioridade na eleição de assuntos, na vivacidade do estilo e flagrante análise psicologica, além de se patentear essencialmente moralista.

Classe alguma se furtou ao seu génio: os aspectos abusivos do clero; as tendencias viciosas da nobreza; as reivindicções e paixões do povo, tudo analisou, dissecou e profligou genialmente em linguagem causticante e pitoresca.

Foi acusado de porfiar apaixonadamente no olvido dos aspectos honestos da clerezia e da nobreza; ninguém lhe nega, contudo, que, ainda que zombando, fôsse sempre respeitador da verdade e sincero amigo da equidade, grangeando-lhe o reconhecimento de ser considerado um grande moralista.

O sentimento nacional empolgou-o sempre e conseguiu rehabilitá-lo, flagelando os deslizes dos grandes ou plebeus, dos poderosos ou dos humildes, e dos cultos ou ignorantes, redimindo se de algum excesso de mordacidade e alguns vislumbres de impiedade.

Sustentando luta encarniçada com os seus detractores — viciados alguns, despeitados outros e todos eles poderosos — foi sempre estimado e muito respeitado na corte.

Foi igualmente um pai amantissimo: sua filha, Paula Vicente, poetisa e actriz talentosa, — que tanto o conjuvou no gabinete e no proscenio — foi o seu enlevo, amando-a e prestigiando-a na moral rigida da sua vida privada.

Junho de 1931.

PROF. JERÓNIMO FERREIRA BOTELHO.

## João Antonio Ramos

No passado sabado, faleceu o velho funcionario da Camara, sr. João Antonio Ramos, pai dos srs. Americo Ramos, José Ramos e Fernando Ramos e sogro do 2.º sargento de infantaria, sr. Virgilio Osorio.

A sua morte, inesperada, causou impressão, pois ninguém diria que João Antonio Ramos fôsse tão rapidamente roubado ao convívio dos seus, porque apesar de idoso, ainda se encontrava bem conservado e de aparente saude.

A familia enlutada apresenta O Povo de Guimarães sentidos peza-mes.

## Calçado barato

Botas e sapatos para homem. Sapatos com sola crepe para senhora a 22\$00. Sapatinhos desde 6\$00. Sapatilhas, sandalias para criança, chinelos e sapatos para quarto.

O melhor sortido e mais barato, só na CAMISARIA MARTINS.

Melas de fio de Escocia e seda animal — Sortido variado e aos melhores preços, só na casa

HIGH-LIFE

Plugas e melas para homem, senhora e criança

Todos os dias muido electricamente Torrefacção primorosa



**Alguns dados sobre a tuberculose em Portugal**

Não nos tendo sido possível referirmo-nos com a merecida largueza ao elevado empreendimento, que acaba de efectivar-se, de, por meio da propaganda feita junto do publico, tornar este conhecedor do vastissimo alcance do problema da tuberculose, maximo problema de que depende, em grande parte, o futuro da Raça, — não queremos, porém, deixar, de fixar alguns dos mais significativos dados estatísticos que exuberantemente demonstram a absoluta urgencia

medidas radicais e eficazes, medidas que não só deverão ser tomadas pelo Estado, mas tambem, e muito principalmente, pelos particulares, que são no geral de um criminoso egoismo perante os mais graves aspectos da vida social.

Recortamos de uma revista lisboense os seguintes dados:

«A tuberculose é a mais espalhada de todas as infecções crónicas. Cerca de 90 % dos adultos apresentam lesões tuberculosas, apesar da grande maioria não ter sentido sinais de doença. São pequenos focos, silenciosos, que evoluem para a cicatrização, sem manifestações evidentes. Por vezes estas lesões ganham extensão e actividade de tal natureza que o caso assume proporções graves. Daqui a necessidade de encarar o problema da tuberculose sob dois aspectos dominantes. De um lado fica o de evitar que a tuberculose, que a quasi todos toca, silenciosamente, sem perigo, degenerem em tuberculose activa e perigosa — é o aspecto social da tuberculose; do outro fica o tratamento da tuberculose declarada por evidentes sinais de doença — é o aspecto terapêutico da tuberculose.»

Como está Portugal apetrechado para combater este horrível flagelo?

«Reparem os leitores: Não ha um unico sanatorio de grande altitude, sendo necessario erguer pelo menos um, para recolher imediatamente 500 tuberculosos.»

«Ha um sanatorio de altitude, mas são precisos onze para internar urgentemente 3500 doentes.»

«Ha dois sanatorios de meia altitude, mas são precisos dez, pois é urgente internar 3000 tuberculosos.»

«Ha seis sanatorios maritimos, mas são precisos oito; é preciso internar 600 doentes.»

«Ha quatro sanatorios de plauicie mas são precisos 14; ha cerca de 5000 doentes para internar.»

«Ha doze dispensarios no país, mas são precisos pelo menos vinte.»

«Os estabelecimentos anti-tuberculosos de Portugal contam, ao todo, 1:800 camas. Ora, para os primeiros socorros a prestar, são precisas 20:000 camas.»

«Anualmente gastam-se cerca de 6:000 contos na luta contra a tuberculose. Para seriamente se debelar o terrível flagelo seria necessario gastar dez vezes mais.»

Vejam agora quais os resultados de todas estas faltas:

Em 6.500.000 habitantes, população do país, ha 120.000 tuberculosos

A mortalidade pela tuberculose cresce sempre, apavorantemente, mesmo quando a mortalidade geral diminui. A percentagem da mortalidade pela tuberculose em relação á mortalidade geral, foi, nos anos de 1905, 10, 15, 20, 25 e 30, respectivamente:

Em 1905, de	6.413	para	112.756
» 1910, »	6.607	»	113.687
» 1915, »	8.003	»	122.513
» 1920, »	8.323	»	142.862
» 1925, »	10.126	»	117.313
» 1930, »	13.013	»	116.352

Repárese especialmente nos anos de 1920 e 1930. Neste ultimo, com mortalidade geral inferior á daquelle em 26:000, houve mais 5:000 mortos pela tuberculose!

Pelo que respeita ao ano corrente, segundo nota fornecida pela Direcção Geral da Estatística, durante o primeiro trimestre de 1931, morreram, em todo o continente, de tuberculose, 3:091 individuos, sendo 1:728 varões e 1:363 fêmeas.

**FESTAS NA PENHA**

No dia 14 de Junho

Na Penha, realiza-se no proximo dia 14 a festa de Santa Catarina, sendo promovida por um grupo de caçadores desta cidade. Além da festividade religiosa, onde pregará o rev. Gaspar Roriz, á tarde realiza-se o torneio aos pombos promovido sob o patrocínio do Club de Caçadores de Guimarães. De esperar é que, continuando o tempo bom, a concorrência á Penha seja enorme e a festa se revista de grande brilhantismo.

**CASA DAS NOVIDADES**

Rua da Republica — GUIMARÃES

Se quereis ser felizes habitai-vos nesta casa.

A unica que vendeu durante um ano, além de muitos premios, duas vezes a taluda de 400 contos.

**PREÇOS ESPECIAIS**

Nos mesmos três meses, e só na cidade de Lisboa, o numero total dos obitos foi de 3:078, e destes, 632 causados pelo mesmo mal, ou seja 210 por mês, 7 por dia.

Portugal é, assim, uma das nações mais atassadas, senão a mais atassada de todas, no que respeita ao ataque desta doença implacavel. Duma conferencia notabilissima, realizada na abertura da semana da tuberculose pelo dr. Lopo de Carvalho, extraímos a seguinte passagem:

«O flagelo não tende a abrandar. Toda a população portuguesa está entregue á sua corrosão lenta e implacavel. E é tanto mais para aterrar e confundir a silenciosa significação dos dados estatísticos, no que respeita a Portugal, quanto é certo que, em países civilizados da America e da propria Europa, a mortalidade pela tuberculose sofreu um declínio verdadeiramente notavel. Ao passo que na Dinamarca e nos Estados-Unidos, por exemplo, o índice de tuberculoidade accusou nos últimos 30 anos uma baixa respectivamente de 68 a 72 por cento, em Portugal, a mortalidade pela doença, não só não estacionou, como sofreu um acrescimo de 50 por cento. A tuberculose, entre nós, mina e cava lentamente num trabalho persistente e continuo.»

A sua letalidade não apresenta periodos de exacerbação alternados com largas e duradouras remissões. Corroi permanentemente, insidiosamente, e, só por si, vai produzindo mais estragos que todas as doenças infecciosas reunidas. E isto porque não temos organizada entre nós a luta eficaz contra a doença.»

Portugal enfileira ao lado da Turquia e da Russia — unicos países da Europa onde o índice da mortalidade pela tuberculose tem subido.

Por distritos, apontam-se, no nosso país, os seguintes dados, relativos ao ano de 1929.

Distrito com menor numero de obitos: Portalegre, com 195. A seguir, tambem com numeros relativamente pouco elevados: Bragança, com 220; Castelo Branco, com 225; Guarda, com 262; Évora, com 280; Vila Real, com 284. Na casa dos 300 encontram-se Viana do Castelo, com 325 e Beja, com 337. Depois, um salto consideravel: Leiria, com 413; Santarém, com 483 e Faro, 490. Com mais de 500 e menos de 600: Viseu, com 519; Coimbra, com 560; Aveiro e Setubal, ambos com 580. Os três distritos cujo índice é maior são: Braga, com 748; Porto, com 2:163; e Lisboa, com 3:265.

Os numeros e os demais dados que se transcrevem são demasiadamente elucidativos. Continuaremos, baseados sempre nas indicações seguras dos técnicos e dos tratados, expondo aos nossos leitores o que é o problema da tuberculose, complexo formidavel em que se entrecrocam mil e um outros problemas que, para decôr do país, têm, forçosamente que ser resolvidos, sob pena de deixarmos extinguir totalmente a raça pelo agravamento incessante das suas degenerescencias.

**Recenseamento**

Em Guimarães foi constituída uma grande comissão para tratar de todos os trabalhos relativos ao recenseamento. Dela fazem parte:

*Pelos Independentes:* dr. Adelino Ribeiro Jorge, dr. Eduardo de Almeida, dr. Francisco Moreira Sampaio, dr. Francisco Pinto Rodrigues, dr. Guilhermino Rodrigues, dr. Henrique de Oliveira e Sá, José Jacinto Junior, dr. José Pinto Rodrigues, dr. Manuel Ferreira da Costa e Virgolino Pimenta.

*Pelo Partido Republicano Português:* dr. Alfredo Fernandes, dr. Alfredo Pinto, Antonio de Jesus Teixeira, Augusto Pinto Lisboa, Bernardino Jordão e dr. João de Almeida.

*Pelo Partido Nacionalista:* capitão Duarte Fraga, dr. Fernando Chaves, Heitor da Silva Campos, Luís Candido Lopes, capitão Manuel Henrique de Faria e Manuel Luís de Matos Junior.

*Pelo Partido Liberal:* José Joaquim Pereira da Costa e dr. Manuel Bravo de Faria.

*Pela Esquerda Democratica:* Alberto Nunes da Silva, coronel Alcino Machado e Serafim José Pereira Rodrigues.

*Pelo Partido Socialista:* Antonio Carvalho Pastor, Braz Teixeira, Carlos Ribeiro Forte e José Marques de Aveiro.

**O aparecimento do nosso jornal**

Referencias que lhe são feitas

Do *Comercio da Povoá de Varsim*, de 1 de Maio de 1931:

**A hora que passa**

«Foi com o mais surpreendente alvoroço e entranhada alegria que recebi a noticia de ter reaparecido, em Guimarães, mais um ousado combatente nas lides da imprensa e que se coloca, desassombradamente, ao lado da Democracia.»

Este jornal, *O Povo de Guimarães*, tem como seus directores os srs. drs. Eduardo de Almeida, David de Oliveira e capitão Duarte Fraga, três nomes que só por si, são a mais plena afirmação de que o novo semanario será, adentro da falange da Republica, um dos seus mais aguerridos pioneiros. Sem desdouro para a ilustre familia republicana de Guimarães, não se poderia encontrar, na vetus e a fidalga cidade, melhores nomes que encabeçassem o jornal, e que lhe dessem todo o valor da sua le ardente e apaixonada, toda a paixão do seu crêdo impoluto e indelectível, toda a sinceridade e todo o apoio moral e material das suas convicções tão fundamentalmente patrióticas e tão estruturalmente democraticas. Agora, que u ge que todos os valores mentais e todas as energias activas se unam e abracem carinhosamente á bandeira da Republica, que mais que nunca se agigantem os seus vultos em destaque para que a Liberdade os veja nos seus postos e os reconheça pela sua fé combativa, é de salientar o gesto confiante dessa trilogia. Pela Republica e por Guimarães! Espalhando a sua sementeira de principios e de doutrinas, e dando o exemplo da mais nóbrega e da mais consoladora lição do que valem os homens da tempera de Eduardo de Almeida, David de Oliveira e Duarte Fraga. «Como nos areas de Alcacôr, o jóven e desventurado rei, enrodilhado pela sanha da moirama, eles saberão gritar: «Morrer, mas devagar.»

A liberdade só ha-de perder-se com a vida!

Daqui saudamos *O Povo de Guimarães* com o efusivo enternecimento dum companheiro que muito lhe aprecia o gesto nobilitante e muito confia na sua acção fundamentalmente republicana. — *Litha.*»

De *O Jornal de Felgueiras*, de 16 de Maio de 1931:

**«O Povo de Guimarães»**

Recebemos a visita deste semanario republicano, belamente colabrado e bem apresentado.

Agradecemos a visita e vamos estabelecer a permuta.

**CONTOS E NOVELAS**

**Sem a luz do amor**

Por EDUARDO DE ALMEIDA

(4)

Quando voltou, saiu-lhe ao caminho o lavrador.

— Fez-lhe alguma recomendação?

Era a mesma cautela obstinada, a de tirar a limpo se a carta de Marcelino entrara no conhecimento da irmã, ou dos intimos da casa.

O Reitor novo sorriu com desconfiada coctezia, ainda se lhe viam os olhos bem marejados de lagrimas.

— Nenhuma, a qualquer respeito. Nem mesmo a julgo precisa. A vida dos simples — e o senhor Padre Marcelino era, num dos mais elevados e complexos espiritos, uma alma verdadeiramente cristã — ainda simples é para além da morte; sen maior desejo se afervorava, como homem e como sacerdote, em alcançar o descanso eterno. Confio na Justiça, na Misericordia de Deus e na intercessão de Maria Santissima! Seus designios, relativamente ás coisas do mundo — desventurado mundo! — em que penamos, facilimas são, nem digo de adivinhar, mas de inferir seguramente. Quanto aos cuidados imediatos não tem vocemecê com que incomodar-se. A velha Josefa se encarregaria, por certo, do temporal, e a parte religiosa do enterro fica a meu cargo, contando com o prévio assentimento dos doridos. Devo-o á sua memoria: e se não fóra o receio de, ainda assim, pecar por vaidade, eu confessava-me o ultimo e mais indigno dos discípulos do grande Mestre, que foi, no exemplo da sua vida, na lição do seu sacerdocio, na esmerada e piedosa cultura do seu espirito e nos rasgos assombrosos da sua eloquencia convincente e arrebatante, o Padre Marcelino.

A porta do eido entreaberta, assomavam, curiosos, os lavradores, as lavradeiras, os mendigos de sacola, e o garotio. Joaquim coçava a cabeça, de beijo pendido.

— Estou no inicio da minha carreira, embora me sinta, já a vergar ao pêso dela. Mas, eu lhe digo, oxalá me possam aproveitar e guiar, em minimo que seja, o muito que, mesmo fraco de luzes, aprendi com seu ensinamento — o nosso convívio, nossas divagações, e nossos longos silencias recolhidos.

O lavrador deixou-o andar uns passos, fora da porta, e, quando, ao fim do muro, o viu tornar caminho para a igreja, bateu com as mãos nas coxas, espirrou azedamente:

— E's boa lesmal! Bem diz o outro — ajuda o Senhor me perdõe — que isto de padres rezam todos pela mesma cartilha. Ora o grandicissimo... nem sei que diga! Sabia-lhe que a dona senhorinha ficasse com a propriedade! Pois olé! Ele se encarregaria de lhe saborear o rendimento. A cantiga bem a conheço — esmolinhas para as almas, esmolinhas para o azeite, esmolinhas para as irmandades! E depois, as festas e as romarias. Toca a arder em foguetes, em cantares de missa e pregações, em bandeiras e musicas, e no grande jantar, todo á folgança, dos senhores padres advindos á função, o milhozinho da terra, o centeio da terra, o feijão, o vinho e as batatas. Lá vai tudo para o senhor Reitor! Pois espera por isso, menino bonito.

E assoou-se com estrondo.

Logo ao fim da missa, chiavam os carros de bois na ladeira, os sinos começaram a dobrar a defunto, cavamente. Haviam paramentado Padre Marcelino com a sua batina, coçadinha, os sapatos de fivelas de prata, a sobrepeliz de renda, que Maria Teresa lhe bordara nos primeiros serões do presbitério. Fóra ela que assim o ordenara. Quantas lagrimas, quantos sorrisos, e devaneios, e loucas esperanças, e amargos sobressaltos, e sufocadas angustias, palpitavam e adejavam naquelas rendas!

Por cima da sobrepeliz, a estola roxa. Era alto, de rude e forte arcaçoço, mas sua face, emoldurada na farta cabeleira precocemente embranquecida, austera e suave expressava aquella rara distincção de espirito, que deixa macerada a contemplação filosofica, e os vincados sulcos da sua vida batida pelos grandes temporais intimos.

(Continua)

**EDITAL**

**Recenseamento Eleitoral**

Dr. Américo de Oliveira Durão, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal e Recenseador Eleitoral neste Concelho:

Faço saber que, tendo sido novamente publicado o Decreto 19:694, de 5 de Maio de 1931, os prazos do quadro anexo que interessam ao público, foram alterados do seguinte modo:

Apresentação do documento — quarenta e dois dias — de 20 de Maio a 30 de Junho.

Organização do cadastro dos eleitores pelas juntas — quarenta e seis dias — de 26 de Maio a 10 de Julho.

Organização do recenseamento pelos funcionarios recenseadores — quinze dias — de 11 a 25 de Julho.

Período para exposição dos recenseamentos e apresentação das reclamações — oito dias — de 26 de Julho a 2 de Agosto.

Período para decisão das reclamações — dez dias — de 3 a 12 de Agosto.

Período para effectuar as alterações ordenadas pelo juiz auditor — seis dias — de 15 a 20 de Agosto.

Para conhecimento geral publico o presente e idênticos que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Pacos do Concelho de Guimarães, 25 de Maio de 1931.

Américo de Oliveira Durão.



# BENJAMIM DE MATOS & C.<sup>a</sup>, LIMITADA

Toural — Guimarães — Telefone 64



SEDE  
**LOJA DO LEQUE**

Fazendas de lã, seda e algodão  
Fazendas brancas — Malhas — Perfumarias e miudezas  
Papeis para forrar casas — Maquinas de escrever

Sempre novidades em tecidos de lã, algodão, fantasias e sedas diversas

FILIAL

**CASA HIGH-LIFE**

Modas e miudezas — Camisaria — Gravatária — Luvaria — Perfumarias — Meias de seda e algodão — Artigos para bordar

PREÇOS REDUZIDOS — VENDAS A DINHEIRO  
PREFIRAM ESTAS CASAS



## DROGARIA MODERNA

DE

Fernandes Guimarães & Irmão, Suc.

Guimarães { Telefone N.º 146  
RUA DA REPUBLICA

TINTAS

LOUÇAS

VIDROS

VERNIZES

POLVORAS

CAIXILHOS

Casa das Gravatas

DE

**Dias & Carvalho, L.<sup>da</sup>**

43 — RUA DA REPUBLICA — 47  
TELEFONE 188

GUIMARÃES

CHAPELARIA, CAMISARIA, GRAVATARIA  
COMPLETO SORTIDO EM MEIAS E PEUGAS, POPELINES  
BOLSAS, MALHAS, GUARDA-CHUVAS, PERFUMARIAS,  
MIUDEZAS E ARTIGOS DE NOVIDADE

Vejam os nossos preços

## Rádio Telefunken

Os melhores aparelhos da Europa

Um aparelho TELEFUNKEN adequado para cada fim

A maior selectividade

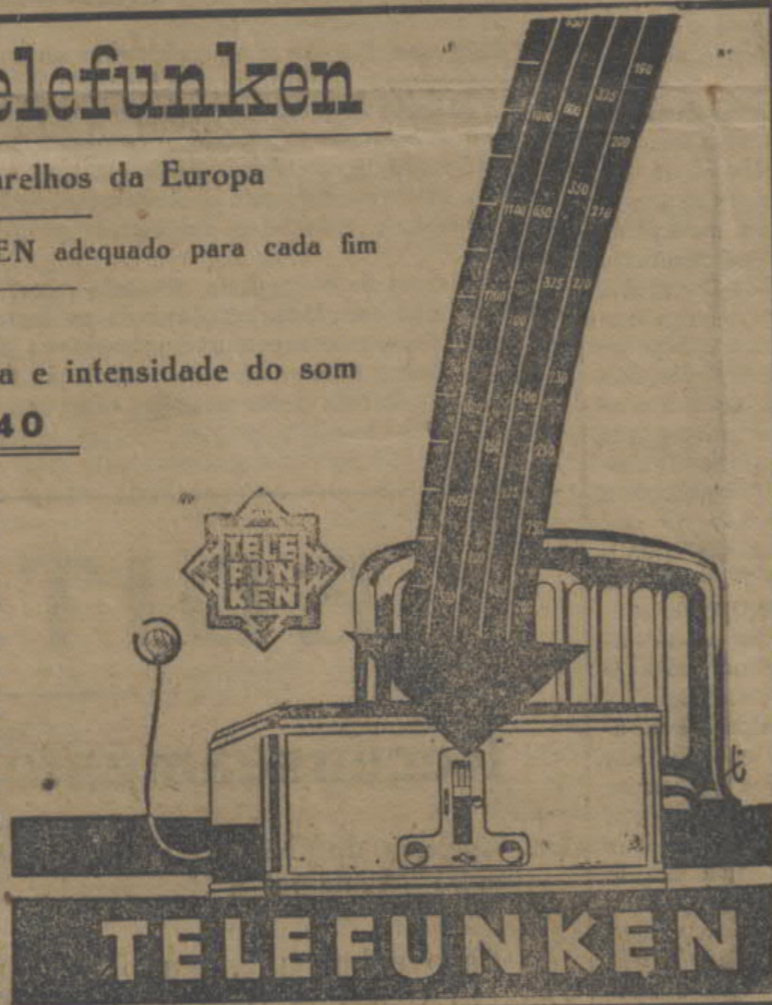
Pureza e intensidade do som

**TELEFUNKEN 40**

O receptor com um ano de avanço sobre o demais. Sua simples manobra e a seu elevado rendimento fizeram dele o receptor de classe mais universalmente disseminado. Peça V. Ex. uma demonstração sem compromisso nem encargo ao

Representante em GUIMARÃES:

**HENRIQUE PIRES**



TELEFONE 484

GUIMARÃES

CASA IDEAL

DE

**Joaquim Leite Monteiro**

que é também o representante das maquinas de escrever L. C. SMITH e CORONA, que são reputadas ás de modelo mais perfeito e as de maior duração

28 — Rua 31 de Janeiro — 30

GUIMARÃES

PAPELARIA,  
PERFUMARIA  
E TABACOS

Gramofones  
— e discos —

Papeis de embalagem, Fio, Papelão e maquinas de escrever

**Papelaria Central**

Praça D. Afonso Henriques

— TELEFONE 140 —

Artigos fotograficos

Unica casa de Especialidade

“O POVO DE GUIMARÃES”

SEMANARIO REPUBLICANO

Rua 5 d'Outubro N.º 33

GUIMARÃES

Assinaturas		Anúncios	
Por ano	24500 Esc.	Cada linha	em cent.
Africa	28500	Na 1.ª e 2.ª pág. preços convencionais	
Brasil (moeda brasileira)	20500	Comunicados, linha	
Estrangeiro	40500	Imposto do selo	
Número avulso	\$50 cent.	Linômetro tipo corpo	

Ex.ª Sr.

Redacção da “Revista de Guimarães”

Guimarães

Deposito da Cal da Figueira

DE

**LEITE & FIGUEIREDO**

NESTE DEPOSITO ENCONTRA-SE Á VENDA

Sulfato de Cobre Inglez e Enxofre

das melhores procedencias

**Agentes do cimento TEJO**

Largo de S. Paio

GUIMARÃES